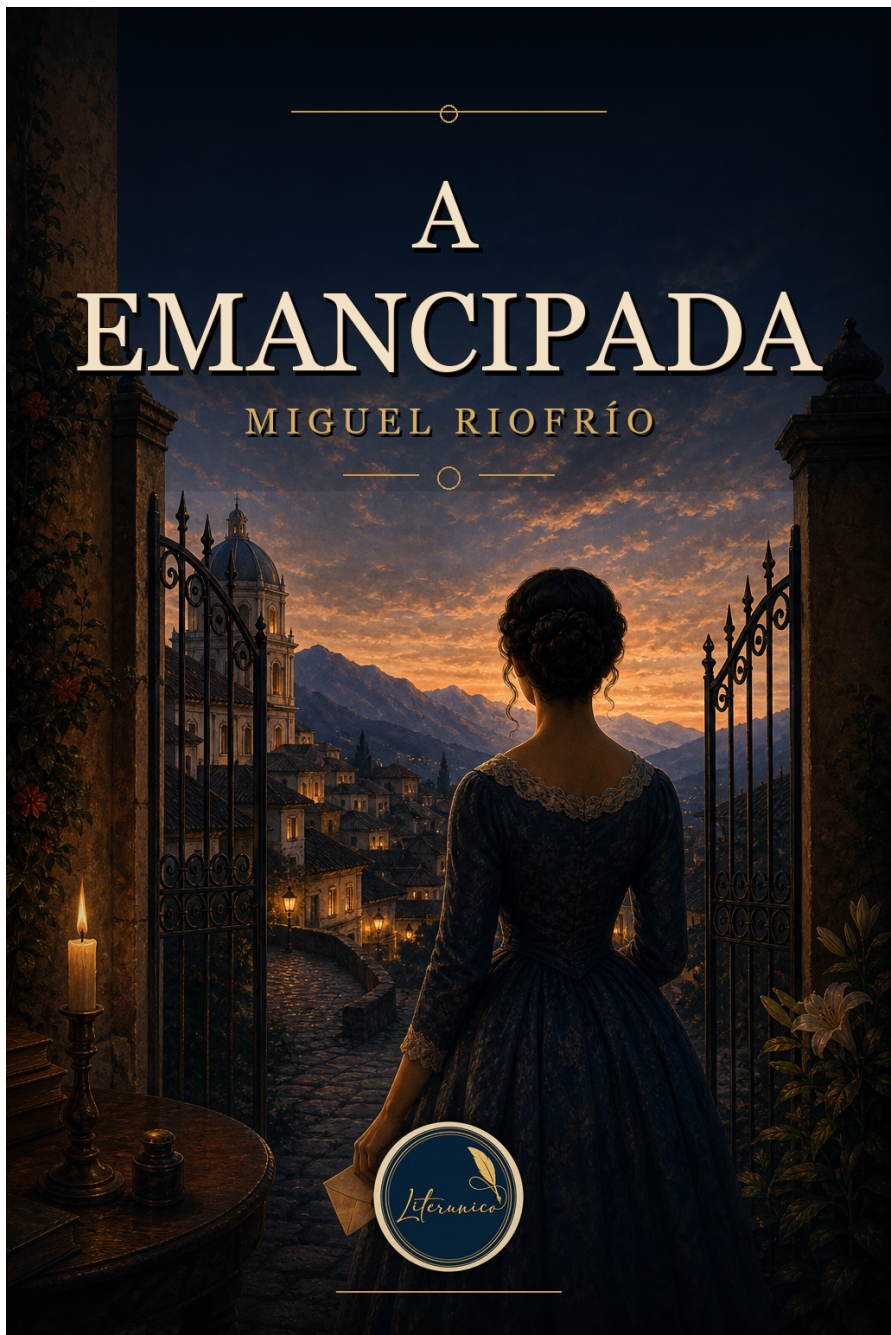

A EMANCIPADA

MIGUEL RIOFRÍO



A Emancipada

Miguel Riofrío

Tradução para português-BR literário

Copa Literunico - Equador

Versão limpa editorial - 30/06/2026

Fonte-base operacional: Wikisource, La emancipada.

Nota Literunico

A Emancipada, publicada em 1863, costuma ser lembrada como a primeira novela equatoriana publicada. Na história de Rosaura, Miguel Riofrío transforma o drama de uma jovem submetida ao casamento imposto em crítica social: a narrativa expõe a autoridade patriarcal, o controle moral exercido pela religião, a fragilidade da justiça local e a ausência de liberdade real para a mulher.

Capítulo 1

Na paróquia de M..., da República equatoriana, o povo se movia em todas as direções, celebrando a festividade da Circuncisão, pois era primeiro de janeiro de 1841.

Apenas um recinto permanecia silencioso: o jardim de uma casa cujas portas haviam ficado cerradas desde a véspera. Ali conversava uma jovem da localidade com um rapaz recém-chegado da capital da República.

O rapaz era de estatura mediana, traços regulares e ar um tanto cogitabundo.

Na jovem, a altura, a flexibilidade e a graça se mostravam como o bambu das margens de seu rio; a tez fina, fresca e delicada a fazia semelhante à estação em que os campos reverdecem; a sobancelha negra, as pupilas e os cabelos de um castanho-escuro lhe davam certa graça que lhe era própria e exclusivamente sua; o olhar franco e límpido, uma ondulação que mostrava o lábio inferior como a desdenhar o superior, e o perfil audacioso de seu nariz davam ao rosto uma expressão de firmeza inabalável.

Não havia perfeita consonância em suas feições; por isso, o conjunto tinha não sei quê de extraordinário. A limpidez de sua fronte e a maciez de suas faces, que se acendiam com a emoção, pareciam sinais de candor; o queixo perfeitamente arqueado imprimia a todo o rosto certo ar de voluptuosidade; uma contração quase imperceptível no cenho mostrava que, desde muito, ela vinha reprimindo alguma paixão violenta; o pescoço levemente inclinado dava-lhe uma atitude duvidosa entre a timidez e a modéstia, de modo que nenhum fisionomista teria podido adivinhar-lhe, com suficiente precisão, o caráter moral e fisiológico.

De que falavam, pode-se adivinhar facilmente, se se considera que o rapaz havia estudado as matérias do ensino secundário na cidade mais próxima da paróquia de que nos ocupamos, e que ia passar suas temporadas de recreio na casa da jovem.

Conhecer-se-á mais claramente qual fora seu pensamento dominante quando se souber que, terminado o curso de artes, passara a fazer seus estudos profissionais na Capital e estudara com todo o empenho necessário para receber a borla doutoral, dar meia-volta à esquerda e voltar a certo lugar que seus condiscípulos desejavam conhecer, porque ele o havia pintado muitas vezes nos

ensaios literários que o obrigavam a escrever na aula de Retórica. Em um destes dissera:

Ficai vós, filhos da corte, na região das Pandectas, do Digesto e das Partidas. Eu passarei da hierarquia de doutor à de aldeão, porque ali mora a felicidade.

Os vales dos rios Malacatus, Uchima, Chambo e Solanda, com suas preciosidades vegetais e suas vistas pitorescas, acolherão o resto de meus dias.

As várzeas são ali um salpicado caprichoso de alquerias, casas de palha, engenhos de açúcar, bananais, plantações de cana-doce e pequenas encostas em que pasta o gado. Tudo isso recebe realce surpreendente do relevo das árvores, ora gigantescas, ora medianas, que nascem e crescem sem sistema artístico e com a única simetria que a natureza lhes pôde dar. A ceiba, o abacateiro, a goiabeira, a laranjeira e o limoeiro são os matizes mais comuns dos bananais, dos canaviais e dos prados.

À margem dos rios levantam-se, estendem-se e se entrelaçam os bambus, os carrizos, os loureiros, o salgueiro e o amieiro. Nas colinas ergue-se o arupo para mostrar, do alto, sua copa e seus ramalhetes.

Como o prazer e a dor no coração do homem, assim alternam, na aba desses cerros e na parte agreste desses vales, o faique com seus espinhos e a chirimóia com a frescura de sua folhagem, a fragrância de suas flores e o sabor de seu fruto.

Os canais que, partindo dos açudes, vão umedecer os terrenos irrigados, dão de beber às plantas, atravessam as cercas e percorrem as herdades, movendo-se e cintilando como serpente de diamante.

Nos barrancos forma-se, às vezes, uma sociedade heterogênea: as cabras, as vacas, as éguas ramoneiam a relva que Deus criara para elas; e, a par destas, o homem recolhe nos mesmos lugares o dítamo, o açafão, a douradinha, a canchalágua, e extrai o mel e a cera que fabricam as abelhas. Mais além, os altiplanos povoados de figueirões, cedros, faiques e guaiacans servem de aprisco e majada aos rebanhos, e de sesteadouros para o camponês.

A mais célebre de suas cordilheiras é Auritosinga, cujo nome viajou ao redor do mundo unido à preciosa casca que ali se descobriu.

As campinas e as florestas estão sempre animadas pela antifonia das aves canoras e das aves ruidosas.

Tal é o templo em que darei culto a uma Divindade.

Quando se lhe impunha o dever de escrever memórias geográficas de sua província, falava a duras penas de tudo o que não fosse sua paróquia predileta; e, quando escrevia sobre esta, mencionava até os pormenores mais insignificantes, ainda que ficassem fora do tema que lhe haviam assinalado. Em um dos ensaios dizia, com referência a seu povo:

Do dia 24 de dezembro até meados de janeiro, aqueles campos mostravam suas cenas peculiares.

Em algumas alquerias de segunda ordem formavam-se os chamados altares de Nascimento. São simulacros mais ou menos grotescos do portal de Belém. A manjedoura de Jesus ocupa o cume, e vão descendo, em forma de anfiteatro, os reis, os pastores, os meninos degolados por Herodes, o paraíso terreno com hortas e animais, tudo misturado a acontecimentos mais recentes e ainda a quadros de costumes locais.

As figuras em que tudo isso se representa são de diversos materiais, mas, mais comumente, de madeira; algumas dessas figuras têm movimento, e as fazem desempenhar seus ofícios empregando algum mecanismo simples ou engenhoso.

Cada casa em que se ergue um desses altares tem preparadas biscoitelas, queijo, frutas escolhidas, bebidas frescas, licores ordinários e também um guitarrista e um tamborileiro, para obsequiar os visitantes com comida, bebida e bailinhos de fandango.

Quando a dança vai começar, retira-se a Sagrada Família em sinal de acatamento.

Como esses altares distam uns dos outros pelo menos um quilômetro, os passeios são sempre a cavalo.

Assim prosseguiam as descrições que os melindres da crítica qualificavam de pesadas e ridículas, sem atender a que o compositor nada podia encontrar de útil nem de belo fora de seu recinto predileto.

A jovem, por sua parte, com menos regras, mas com mais coração, escrevera suas memórias para apresentá-las algum dia à única pessoa que podia ser seu consolo sobre a terra. Nessas memórias, também os espíritos levianos teriam encontrado muito que desprezar, pois elas se reduziam a pintar ao natural

aquilo que sua mãe produzira nela por haver recebido lições de um religioso ilustrado, chamado padre Mora, a quem o Libertador Bolívar incumbira da fundação das escolas lancasterianas.

Ela pintava os sentimentos ternos que essa mãe assim instruída sabia inspirar; e, depois de referir as cenas que haviam precedido o falecimento daquela boa mãe, acrescentava:

Uma semana depois de sepultar minha mãe, quando meus olhos ainda estavam inchados de lágrimas, meu pai recolheu todos os meus livros, o papel, a ardósia, as penas, a viola e os pincéis; fez de tudo isso um embrulho, foi depositá-lo no convento e voltou para me dizer: “Rosaura, já tens doze anos completos. É necessário que, de hoje em diante, vivas com temor de Deus; é necessário endireitar tua educação, embora a arvorezinha já esteja torta pela moda. Tua mãe era muito teimosa e, com suas novidades, estragou todos os planos que eu tinha para fazer de ti uma boa filha; quero que te eduques para senhora, e essa educação começará hoje.

Ficarás sempre na recâmara e, ao ouvires que alguém chega, passarás imediatamente ao quarto dos fundos; não haverá mais passeios, nem visitas a ninguém, nem de ninguém. Eduardo não voltará aqui. O que teu pai te disser, ouvirás de olhos baixos, e obedecerás sem responder, salvo quando fores perguntada.” “E não poderei ler alguma coisa?”, perguntei-lhe. “Sim”, disse-me ele, “poderás ler estes livros”; e apontou-me Desiderio e Electo, os sermões do padre Barcia e os Cânones penitenciais.

Assentados esses antecedentes — e também o de que o jovem sabia bem que o pai de Rosaura jamais faltava aos passeios de ano-novo, nem à prática de deixar a filha encerrada quando saía para se divertir; e constando-lhe, além disso, que os caminhos estavam ocupados por fileiras de homens e mulheres que discorriam alegres fazendo a visita dos altares; que cada altar era uma estação; que os pátios estavam coalhados de cavalos, bestas muares e burriquinhos em grande número — já se pode deduzir que o flamante doutor penetrara até o jardim de Rosaura sem temor de que alguém o surpreendesse; e também se pode suspeitar que de suas conversações sublimes resultava o recíproco propósito de unirem sua sorte para sempre, caso pudessem ser vencidas as tenazes resistências que oporia o teimoso pai da jovem.

Isso que é fácil suspeitar foi o que, de fato, sucedeu: passados os primeiros momentos de surpresa, sustos, exclamações e monossílabos, referiram

reciprocamente o que se passara durante a ausência. Ao falar Eduardo de seus planos de futuro enlace, travou-se este diálogo, que não será inútil referir:

— Eduardo! — disse Rosaura —, eu conheço meu pai, e estremeço ao pensar que algum de teus passos pudesse irritá-lo, pois o resultado não seria outro senão separar-nos para sempre.

— Que a alma se separe do corpo — respondeu Eduardo — pode-se compreender; mas que duas almas que se amam como eu te amo cheguem a desunir-se, isso não, Rosaura; se pensas assim, é que não me amas.

— Eduardo, quero que me compreendas. Em meus dezoito anos de vida, ou antes, em minha noite de dezoito anos, não houve mais que duas luzes para mim: a de minha mãe, que se apagou, e a que agora me alumia, e temo que se afaste por cometer uma imprudência... A meu ver, quando o amor não se acende, a alma está em trevas... quis dizer que amo minha mãe no céu, porque não posso amá-la de outro modo: este é um amor que faz chorar; o teu é um amor vivo, que faz esperar, sonhar e estremecer... Falo fora de mim... Que hei de fazer! Afinal, direi tudo: meu pai tem interesse em que ninguém me conheça, e menos tu, porque teme que se descubram alguns segredos... Mas retira-te por agora, meu amigo, porque vai anoitecer e pode vir alguém.

Capítulo 2

Ao amanhecer do dia seguinte, Eduardo recebeu uma carta de um amigo íntimo seu, que estava a par de todos os seus segredos, e que lhe dizia:

Querido Eduardo: prepara o ânimo para ouvir coisas terríveis; é preciso que cobres forças e leias esta carta até o fim. Conforme o combinado, assisti ao baile do Menino.

São duas da manhã: ainda ouço o canto e o tamboril; dom Pedro está no baile, e creio que só verá a filha muito tarde. Podes aproveitar os momentos, que são preciosos: entre o pároco e dom Pedro vão sacrificar Rosaura, se por acaso não andares esperto.

Dom Pedro havia esvaziado as taças como sempre e se tornou o alvo de riso dos tunantes. Em uma das rodas, falaram-lhe do próximo casamento da freirinha — assim chamam Rosaura —, e ouvi dele estas palavras, que me gelaram todas as fibras: “O pároco me deu um bom noivo para ela, e eu o aceitei de olhos fechados, porque sei que certo mocinho já veio me irritar o sangue. Amanhã, na missa deste Menino, será o primeiro proclama.

Depois de amanhã, na missa dos paileros, será o segundo proclama. No dia dos Santos Reis, a freirinha será esposa legítima de dom Anselmo de Aguirre, proprietário de terras em Quilanga”.

Com uma angústia mortal, embora sem dar inteiro crédito ao que acabava de ouvir, aproximei-me para falar com o pároco, no momento em que este se sentava em um tamborete para saborear um copo de aguanaje que acabavam de lhe servir. Ao mesmo tempo, aproximou-se dom Pedro, fazendo ao pároco mímicas contorções e, apontando com o indicador para dois velhos que o seguiam, disse:

— Ouça, meu senhor pároco, o que me dizem estes velhacos: dizem-me que faço mal em deixar correr os proclamas antes de haver pedido o consentimento da noiva, como se minha filha pudesse deixar de consentir naquilo que o pai lhe manda.

O pároco se espreguiçou na cadeira, dirigiu-nos um olhar à maneira de sultão, engoliu um gole de aguanaje, produzindo um ruído repugnante, e respondeu com afetada gravidade:

— Sem dúvida esses senhores não saberiam que fui eu quem dispôs isso.

— Não, senhor, não sabíamos — respondeu um, baixando a cabeça.

— Se o senhor pároco assim o dispôs, bem disposto está — disse o outro.

Os três se retiraram.

— Senhor pároco — disse-lhe eu —, o assunto é grave, e, se me permitisse, eu lhe faria algumas reflexões.

— Que reflexões serão essas? — respondeu-me sem olhar para mim e com a vista fixa nos que começavam a dançar.

— A primeira é que as filhas não são escravas nem de seus pais nem dos párocos.

— E é um pascácio lancasteriano que há de vir ensinar-me?

— Sim, senhor, um pascácio lancasteriano tem o direito de dizer a um senhor pároco que, se em verdade somos cristãos, devemos ser substancialmente distintos daqueles povos em que a mulher é entregue como mercadoria aos caprichos de um dono, a quem serve de utilidade ou entretenimento, mas não de esposa.

O cristão deve penetrar-se do que é uma esposa segundo o cristianismo, e de que as filhas daquela que foi Mãe de Deus devem valer algo mais que os animais encerrados em um redil para viverem brutalmente.

Em resposta, ele me acometeu com distinções e subdistinções disparatadas.

Percebi que era infrutífera toda discussão com um homem a quem todos admiravam e aplaudiam até pelos sinais da cruz que fazia ao bocejar, e saí sem me despedir.

Detive-me em pormenores para que conheças entre que homens estamos e penses no que melhor te convém.

Às seis da manhã, Rosaura recebeu uma carta de Eduardo em que ele lhe comunicava as notícias da anterior e continuava dizendo:

Tu sabes bem que teu pai não pode obrigar-te a casar sem tua vontade. Eu aguardarei os três anos que te faltam para seres livre, ou pediremos as licenças nos termos que a lei nos permite.

Não sei quem é o homem que já conta com tua mão, mas tenho a evidência de que não te ama, pois nem sequer te conhece; enquanto teu coração e o meu foram criados para amar-se eternamente.

Agora sucede que um muro vai interpor-se entre nós dois; mas que muro poderia resistir ao poder excelso do amor? Vence tu naquilo que só a ti corresponde: pensa que tua mãe teria abençoado nossa união, e esse pensamento dará vigor a teus esforços; pensa que, com poucos dias de uma resolução enérgica e perseverante, asseguras a liberdade de tua vida inteira.

Dize-me alguma palavra; faz algum sinal que eu possa compreender quando necessitares de meu auxílio. Eu estarei sempre nas imediações de tua casa: dia e noite me terás à tua disposição para lutar como atleta, se algum perigo te ameaçar. Segundo o disposto pelo pároco, teu pai nada te dirá até depois de amanhã. A partir desse dia, estarei perto de ti para atender à menor indicação.

Sinto que a alma se me engrandece e as forças se duplicam quando penso em nosso amor. Bendiria minha hora derradeira, se conseguisse expirar sacrificando-me por ti.

Teu para sempre. Eduardo.

Duas horas depois, o latido dos cães anunciou que dom Pedro de Mendoza se aproximava de sua alqueria.

Rosaura correu, assustada, para recostar-se em seu leito.

Como a fisionomia de dom Pedro carecia de expressão, bastará, para apresentar sua pessoa, uma rápida silhueta. Era um camponês alto, seco, de nariz rombo, barba grisalha que lhe descia até a metade da face, olhos pardos de olhar entre estúpido e severo, fronte calva, um pouco estreita nas têmporas, cor avermelhada e lábios arroxeados. Entrou no pátio de sua casa cavalgando uma mula negra; para apear-se, recolheu a parte dianteira de seu poncho grená e a lançou sobre o ombro esquerdo.

Desmontou, atou o cabresto a um pilar, desprendeu da queixada a tira de cordovão que sustentava seu enorme chapéu amarelento; ao tirar as esporas e as amarras, diviso no pátio as marcas de uma besta, observou-as com minúcia, tomou uma expressão iracunda, entrou ruidosamente na sala, chamou a filha e, como ela não respondesse, procurou-a por toda parte até encontrá-la no dormitório.

— Então estamos de lágrimas? — disse-lhe. — Por que essas lágrimas?... E continua chorando e não responde!... Quem veio a cavalo esta manhã?

— Um rapaz.

— Linda resposta! Um rapaz! Quando soltas essas palavras, dizendo com medo “um rapaz”, e ficas aí chorando, é porque houve alguma patifaria.

— Isso não, senhor — disse Rosaura, levantando-se.

— Pois então quem era o rapaz e para que veio?

— Foi o pajem de Eduardo Ramírez, e veio dar-me a notícia de que tratam de me casar no dia 6 do corrente.

— Por isso estás chorando?

— Já não choro: perdoe-me a criancice de ter acreditado por um momento que o senhor tivesse consentido em me entregar para sempre a um homem que nem sequer conheci.

— Ainda és muito menina e foste mal-educada: deves saber que o senhorio desta jurisdição é biscainho e asturiano puro, e desde o tempo de nossos antepassados foi costume conservar as donzelas sempre na recâmara e ajustar os casamentos pelas pessoas de juízo e experiência, que são os pais dos contraentes.

Assim me casei eu com tua mãe; e, em verdade verdadeira, se não tivesse sido assim, eu não me teria casado, porque teus avós — que Deus haja perdoado e tenha entre santos — cometeram o desatino de permitir que um maldito frade — perdoe-me sua coroa —, vindo com essa tolice de escolas normais, fizesse a moça ler livros ruins.

Com esse veneno, tornou-se respondona, murmuradora dos pregadores, inimiga de que se queimassem ramos bentos para aplacar a ira de Deus, e amiga de livros, papéis e palavras ociosas; de modo que ninguém quis casar-se com ela na cidade, e com justa razão, porque ela, em vez de fiar e cozinhar, que é o que as mulheres devem saber, gostava de perguntar onde estava Bolívar, quem ia ao Congresso, o que dizia a Gazeta, e guardava como coisa de relíquia esses livros de Telêmaco e não sei que outros extravagantes que lhe havia deixado aquele frade, que nem sei como se chamava: uns lhe diziam padre normal, outros padre maçom e outros padre mestre.

Mas voltemos ao assunto: como ninguém quis casar-se com a maçonzinha afetada, empurraram-na para mim, dizendo que era uma pérola. Bastante me fez raivar com seus vícios; mas já morreu, e tudo lhe perdoei por amor de Deus. Assim, já vêes que, se uma normalista como tua mãe foi casada sem me conhecer, uma dócil e obediente como tu há de ser casada como pessoa de valor. Estamos entendidos?... Não respondes?...

Sabes que estou atrasado em meus interesses, que preciso trabalhar por ti mesma e que não posso passar a vida inteira ocupado em guardar-te.

— Senhor, em que estorvo? Não poderia ir encerrar-me no mosteiro da cidade?

— Eu já havia pensado nisso: não me pareceria mal que estivesses entre as esposas de Jesus Cristo; ali está a vida mais perfeita. Oxalá tua mãe tivesse tido sempre em mãos as ladainhas e os misereres, em vez desses livros que, por misericórdia de Deus, foram parar em poder do senhor pároco: então ela e eu teríamos sido menos desgraçados. Mas, voltando ao assunto, pensei que tu não deves ir.

Se entrasses como secular, as monjas não me deixariam sossego, pedindo-me as despesas necessárias à tua subsistência, e escolheriam justamente os dias em que eu estivesse sem vintém, porque assim são essas monjas. Como secular, nem pensar. Para monja de véu negro, não tenho os mil pesos de dote, porque tua mãe em nada me ajudou no trabalho e depois...

Mas, passando a outra coisa: não te dariam os votos para monja de véu negro, porque essas monjas são muito melindrosas em assuntos de linhagem; e embora eu seja tão cavalheiro quanto os pais de muitas delas, não deixam de me fazer alguns melindres, pois houve mil falatórios quando me casei com tua mãe. Quanto melhor me teria sido casar com uma camponesa trabalhadora como eu! Mas vamos ao caso: de véu negro não se pode, e de véu branco tampouco, pois não quero que sejas criada de ninguém.

— Segundo acaba de dizer-me, o senhor não é reconhecido como nobre: nesse caso, não poderia casar-me como plebeia, isto é, com alguma pessoa para quem minha vontade se inclinasse, sempre que essa pessoa fosse honrada, virtuosa, desinteressada e trabalhadora? Creio que assim seria feliz.

— De acordo: faze tua vontade inclinar-se para dom Anselmo de Aguirre, que há de ser teu marido com a bênção de Deus, do pároco e minha, e terminamos este assunto que já me vai fastidiando, porque detesto bacharelices de mulheres,

pois já me bastaram as de tua mãe.

— Minha vontade não pode inclinar-se para um desconhecido... e o senhor, meu pai, não será capaz de...

— Capaz de quê? Fala depressa, porque já me cansaste. Capaz de quê?

— De sacrificar-me desumanamente, depois de me atormentar todos os dias com palavras ofensivas à memória de minha mãe.

— Ingrata! Atreves-te a falar assim a teu pai? Bem diz o refrão: criarás corvos para que te arranquem os olhos. Este é o fruto do joio que tua mãe semeou em teu coração; por isso a amaldiçoou e desejo que esse demônio esteja se revolvendo nos infernos. — Esta cena parecerá bárbara e inverossímil aos que não tiverem conhecido de perto o nosso déspota de aldeia.

— Não amaldiçoe minha mãe... Minha mãe! Tua filha te bendiz.

— Às perversas como tua mãe enviam-se maldições em vez de padre-nossos e ave-marias; e às desobedientes como tu ata-se a um poste e ensina-se a serem boas filhas.

— Poderei rogar de joelhos, meu pai?

— Assim, com humildade, podes fazê-lo; mas é inútil, porque preciso que te cases, dei minha palavra e não hei de faltar a ela, ainda que morras.

— Também dei a minha desde a infância, e morrerrei antes de faltar.

— Demônios! — gritou o velho, tremendo-lhe a voz. — E assim me dizias, víbora endemoniada! Filha de tua mãe! Que querias ir a um mosteiro?

— Creio que só Deus é infinitamente superior à pessoa a quem entreguei toda a minha alma: essa pessoa é Eduardo. Só entre Deus e Eduardo me é lícito escolher esposo; qualquer outro partido meu coração rejeita, e eu preferiria a morte e os tormentos...

— Preferes a morte e os tormentos, pois está bem: juro-te por Deus Nosso Senhor e por este sinal da cruz que não voltarás a repetir essa palavra.

Bem se compreenderá que dom Pedro era um daqueles tipos que caracterizam a velha aristocracia das aldeias, cujos instintos tradicionalistas os tornavam ferozes para com os inferiores, velhacos com os iguais e ridiculamente humildes diante de qualquer sinal de superioridade.

Assim como sua obediência era cega e irrefletida à voz dos maiores, assim também a impunha, de sua parte, aos menores. Obedecer ao forte e despotizar o fraco era sua única regra de conduta, e sempre a executava brutalmente. Qualquer observação respeitosa da parte de um inferior era vista como blasfêmia e severamente castigada nos momentos de mau humor. A ideia de justiça estava apagada de todos os corações e suplantada por umas poucas máximas criadas para sustentar o prestígio dos padres.

“Quando Deus fala, tudo deve calar-se.” “Os sacerdotes são uma cana oca por onde Deus transmite seus preceitos aos homens.” “A voz do sacerdote é a voz de Deus”, e outras do mesmo teor eram a única moral que passava a reger o interior das famílias.

Esses antecedentes, unidos à ideia de que, se Rosaura se casasse com alguém que não fosse um rústico, seu pai correria o perigo de lhe pedirem contas dos bens de sua falecida esposa; ao efeito físico da bebedeira, que produz um tédio desesperador ao dissipar-se; e ao caráter pessoal desse ignorante, podem explicar, sem que se atribua à loucura, o modo como dom Pedro começou a cumprir o juramento que acabava de fazer por Deus Nosso Senhor e pelo sinal da cruz.

Ele viu que sua filha tirava de seu próprio despeito a resolução suprema de sacrificar-se; suspeitou, com instinto menos fino que o do tigre, que uma mulher resoluta é igual ao maior dos heróis em valor, fortaleza, improvisação de planos e presteza em realizá-los; e tomou uma atitude injusta, cruel, estúpida, mas que resultou eficaz para o objetivo que se propôs.

Agarrou uma bengala de chonta com ponteira de metal; saiu ofegante e transtornado, e disse com voz de trovão a Rosaura:

— Vais ver os estragos que causa tua desobediência.

A jovem apresentou serenamente a cabeça para que seu pai a matasse a bordoadas. Ele passou roçando pela filha, chegou ao quintal dos fundos e deu golpes de pau em um indígena criado.

— Meu amo! Perdão, por Deus! Não faltei em nada — disse o índio.

— Sois uma raça maldita e sereis exterminados — replicou o tirano, dirigindo-se em seguida, com o pau levantado, para descarregá-lo sobre a filha do índio, que era uma criança de seis anos.

Rosaura partiu como uma flecha e deteve o golpe, dizendo:

— Não quero que haja mártires por minha causa. Serei eu a única mártir: mande, e estou pronta a obedecer.

— Casar-te-ás?

— Casar-me-ei.

— Com dom Anselmo?

— Com dom Anselmo.

— No dia dos Santos Reis?

— No dia dos Santos Reis.

— Pois a paz de Deus esteja nesta casa.

Rosaura partiu com passo firme e fronte erguida para seu dormitório; seu pai foi seguindo-a e, ao entrar, disse:

— Para que nunca tenhas de queixar-te de mim, deixo-te a liberdade de escolher os padrinhos.

— Obrigada. Por padrinho escolho meu pai, e sentiria na alma que assim não fosse; e, em vez da liberdade de escolher madrinha, queria outro favor.

— Contanto que não seja algum disparate.

— Se for disparate, o senhor poderá negar-me, pois se reduz apenas a me permitir escrever uma carta...

— Se for a solteiro, não...

— Tratava-se apenas de dizer a uma pessoa que, como filha obediente, vou dar gosto a meu pai, casando-me com dom Anselmo.

— Isso, sim. Já sei a quem; mas eu lerei a carta e eu mesmo a enviarei por pessoa de minha confiança.

— E, se o senhor tivesse por bem escrevê-la de seu próprio punho, eu a assinaria.

— Pois me agrada! Pois me agrada! Vou escrevê-la. Não é para dom Eduardo?

— Sim, senhor.

Dom Pedro voltou à sala, dizendo consigo mesmo:

— O que vale a energia! Já consegui tudo em menos de duas horas: se eu tivesse entrado brando e generoso, que teria sido de mim? A letra com sangue entra. Agora não há mais que tomar cuidado para que essa sevandija não me faça alguma má jogada. Mas não; desenganando o advogadozinho, já não há perigo. Esta carta me caiu como mel sobre bolinhos. Vou escrevê-la com desprezo, porque assim se deve tratar estes rapazes; mas não: a polidez não tira a valentia.

Alguns minutos depois, Rosaura foi chamada a assinar, e assinou sem saber o que seu pai havia escrito. Ao fechar, pôs furtivamente no verso estas palavras: “Ocorreram coisas que me enfureceram, e resolvi dar uma badalada. Juro-te que não serei de dom Anselmo; vai para a cidade antes do dia 6”.

Dom Pedro, que havia saído por um minuto, voltou a entrar com aquele que devia conduzir a carta, no momento em que Rosaura ia colar a obreia.

— Alto aí, senhorita — disse; em seguida empunhou a esquela, tirou-a do envelope, desdobrou-a e sacudiu-a, desconfiado de que houvesse interposto outra folha. Viu que estava assinada, fechou-a e entregou-a ao portador.

Desde esse instante começaram, na casa de dom Pedro, os preparativos para o banquete e os festejos nupciais.

Capítulo 3

O desventurado Eduardo, ao receber a carta, passou de uma agitação terrível a outra agitação ainda mais terrível. A esquela dizia assim:

Meu senhor: Porquanto meu senhor pai me disse o que a Santa Igreja nos ensina, convém saber: que os pais são, para os filhos, segundos deuses na terra, e que seus desígnios devem ser cumpridos com temor de Deus, recebo por esposo o senhor dom Anselmo de Aguirre, porque será um carvalho a cuja sombra viverei como boa cristã, trabalhando para meu esposo, como a mulher forte, e para os filhos que Deus me dará, sem olhar meus grandes pecados e somente por sua infinita misericórdia; por conseguinte, poderá o senhor tomar as de Villadiego.

Deus guarde o senhor por muitos anos — assinada — Rosaura Mendoza.

Depois de exalar solitárias exclamações e derramar algumas lágrimas, Eduardo concentrou-se em meditar sobre a natureza de sua situação e sobre o partido que deveria tomar:

— Ela assinou — pensava ele — aquilo que seu pai a obrigou a assinar. Na casa ocorreu, sem dúvida, alguma gravíssima novidade. Talvez minha carta esteja nas mãos de dom Pedro; serei eu o causador das desgraças de Rosaura? Mas eu lhe supliquei que me chamasse, e ela me diz: vai para a cidade.

Depois me diz que vai dar uma badalada: esse anúncio me horroriza. Teria ela resolvido dar um não à porta da igreja? Esse não lhe custaria três anos de tortura, que é o tempo que a Lei a obriga a permanecer à mercê de seu pai...

Ela me jura que não será de dom Anselmo, e parece que nada valeram, diante de seus olhos, minha adoração de seis anos, minha abnegação a todo encanto que não fosse o de suas graças, e meu constante padecer durante uma ausência que me parecia de séculos. O termo de minhas esperanças e de minha fé há de ser essa palavra: vai para a cidade?

Não podendo deliberar por si só, reuniu os melhores de seus amigos e lhes falou com voz de agonizante, porque, em meio ao enxame de reflexões, saltara-lhe a ideia de que o plano de Rosaura fosse nada menos que o suicídio.

Seus jovens amigos, vivamente interessados pela sorte de ambas as vítimas, depois de vários projetos e tentativas, descobriram que Rosaura estava constantemente vigiada e que nada se poderia fazer até o dia da cerimônia, prometendo ficar atentos à menor circunstância que ocorresse desde a madrugada do dia 6 até a hora do matrimônio.

Capítulo 4

A manhã de 6 de janeiro não esteve em consonância com o luto e a amargura do coração de Eduardo.

Esse coração necessitava de um céu enegrecido, de um horizonte caliginoso e de uma atmosfera funesta; e, por desgraça sua, às cinco da manhã já se viam distintamente os extensos bananais abrilhantados pelo orvalho; os arvoredos que pareciam responder, com seu frescor, aos sorrisos do céu azul; os esquilos que saltavam; os pássaros que, em rica variedade, cantavam, assobiavam e gorjeavam por toda parte; os homens e mulheres que entravam e saíam atarefados pela porta de trancas de dom Pedro de Mendoza, preparando viandas e bebidas para a boda.

Essa manhã esplêndida parecia anunciar antes um triunfo que um sacrifício.

Um relógio de pêndulo acabava de dar nove badaladas quando uma cavalgada de seis cavaleiros, presididos por dom Pedro de Mendoza, partiu em direção ao casario principal, levando em seu centro uma mulher cujo véu verde impedia que se lhe distinguissem as feições. O grupo entrou na praça chamando a atenção pública e deteve-se no corredor de uma casa de telhas: ali ajudaram a desmontar a jovem do véu verde, que entrou na sala e passou sem deter-se ao quarto do toucador.

Às onze, a praça estava coberta de gente repartida em diversos grupos. À voz de “a noiva vai sair”, esses grupos se condensaram e se apinharam, aproximando-se todos da casa em que havia entrado a jovem de véu verde.

Pouco depois houve um movimento uniforme de admiração, pois se apresentou algo que parecia uma visão beatífica: era Rosaura com as vestes nupciais. Ao tocar o umbral, levantou o véu como se este a incomodasse, e ficou publicamente exposto um rosto que já não era o da virgem tímida e modesta que antes se vira raras vezes e com grande dificuldade. Rosaura mostrava naquele instante não sei quê da estranha audácia que se revela nos retratos de Lord Byron.

Podia-se dizer que sua alma já era de pólvora e que muito em breve faria uma explosão.

Enquanto os numerosos espectadores desafogavam suas emoções com as vozes de: “Que linda! Que formosa!”, um jovem disse ao ouvido da noiva:

— Estamos armados e vimos da parte de Eduardo para pôr-nos às ordens da senhora.

— Obrigada! — respondeu Rosaura, e encaminhou-se ao templo em meio ao gentio.

No convento ou casa do cura estava, entre outros homens, um camponês rubicundo, de cerca de quarenta anos, de tez um tanto encardida, mas com aquela suavidade de feições própria dos linfáticos.

Sua barba era negra e espessa; o perfil do rosto se aproximava mais do círculo que do oval, salvo pelas protuberâncias de um nariz bastante largo, de uma queixada levemente arrebitada e de lábios não muito grossos, mas muito vermelhos; seus olhos pardos tinham a vã pretensão de mostrar-se vivazes, mas, na verdade, eram sossegados: o que mais o caracterizava parecia ser uma fronte larga, redonda, de pele suada, sua garganta hiperbólica e o vestuário: compunha-se este de um fraque verde de talhe alto, calça branca de royal, gravata baia, isto é, da mesma cor dos sapatos, colete grande de veludo azul e chapéu preto clarinado.

Seu sorriso era essencialmente selvático. Com esse sorriso e com uma voz entre rouca, estúpida e sibilante, por causa do defeito da garganta, disse esse pobre sujeito:

— Vocês hão de pensar que estou morto de contente, seus tolos! Não sabem que tenho um medo tão feroz: parece-me que vão me fuzilar.

— Mas, se a noiva é linda, que mais quer meu dom Anselmo? — replicou outro.

— Meu pai costumava me dizer que as lindas costumam ser mais ariscas e ressabiadas que potros de serrania; por isso tenho um susto tão feroz.

Nisto se apresentou um sacristão vestido de roquete e disse em voz alta:

— A noiva está esperando desde as onze.

— Vamos, pois; que Deus o ajude, meu dom Anselmo! — disseram todos.

— Amém — respondeu este, persignando-se, e partiu.

Meia hora depois estavam à porta da igreja, de pé e colocados em fileira, dom Pedro, dom Anselmo, Rosaura, uma matrona obesa que fazia de madrinha e uma moça com uma bacia de prata que continha treze dobrões, um anel e uma grossa corrente de ouro.

Diante deles estava o cura, revestido conforme o ritual; este, entreabrindo um livro que tinha na mão, aproximou-se de Rosaura e, com voz fanhosa e afetada gravidade, disse-lhe:

— Senhora dona Rosaura de Mendoza, recebe por seu legítimo esposo o senhor dom Anselmo de Aguirre y Zúñiga, que está aqui presente?

— Não, não, não — disseram muitas vozes, como para animar Rosaura; esse ruído impediu que se escutasse o que ela havia respondido.

— Silêncio! — gritaram o cura e o tenente. Em seguida, o cura tornou a perguntar:

— Senhora, recebe por esposo o senhor dom Anselmo de Aguirre?

Rosaura, com voz firme e sonora, respondeu:

— Sim, senhor, recebo-o por esposo.

— Que é isto!! — exclamaram muitas vozes, e o assombro se pintou nos semblantes. O cura e dom Pedro trocaram um olhar que queria dizer: triunfamos.

A gente ia se dispersando para não presenciar o fim da cerimônia.

Quando o pároco, com grande satisfação, havia lançado a bênção nupcial, e o cortejo se encaminhava para o altar, Rosaura voltou o rosto, desceu o vestibulo e se dirigiu resolutamente à casa de onde havia saído para ir ao templo. Ao adverti-lo, seu pai saiu e lhe disse, sobressaltado:

— Rosaura, aonde vais?

— Entendo, senhor, que já não lhe cabe tomar-me contas do que eu faça.

— Como é isso?

— Eu tinha de obedecer ao senhor até o ato de casar-me, porque a Lei a isso me obriga: casei-me, fiquei emancipada, sou mulher livre; agora que dom Anselmo siga por seu caminho, pois eu vou pelo meu.

— Malditas leis! Treme, infeliz, pois amaldiçoarei tua mãe!

— Eu já havia previsto essa ameaça; mas ela não me causa nenhum cuidado: Deus é justo. Ele está premiando as virtudes de minha mãe, e castigará aquele que se atrever a amaldiçoar-lhe a memória. Faça o senhor o que quiser.

Dom Pedro voltou ao templo, pálido e trêmulo. Um rumor surdo se propagou entre os concorrentes de ambos os sexos. O noivo e a madrinha já se haviam ajoelhado no degrau do presbitério e ali permaneceram como estátuas; o cura cantou sua missa com um desacerto que movia à compaixão, e se perturbava a cada passo nas cerimônias.

À uma da tarde, a praça era uma confusa voceria: moviam-se os homens como abelhas; todos expunham suas opiniões em voz alta. De repente, sobressaiu um grito que dizia:

— Rapazes! Foram buscar a noiva presa, por ordem do cura e do tenente. Se a trouxerem, vamos defendê-la.

— Sim, sim, defendê-la.

— Não a hão de trazer, porque já lhe deram pistolas carregadas e ela estava muito resoluta.

— Lá vem ela, rapazes; vamos defendê-la.

— Ao convento, ao convento.

Rosaura chegou em seu alazão até o vestíbulo do convento, precedida por quatro homens a cavalo e seguida pela multidão. Estava encantadora: sobre o vestido branco de bodas lançara uma capinha grená; sua cabeleira espessa, em duas madeixas, flutuava sobre a capa; seu chapeuzinho de jipijapa, preso por duas fitas brancas, assentava perfeitamente naquele rosto ruborizado pelo calor e animado pela emoção.

— Que entre — gritou uma voz.

— Que saiam os que querem falar-me — respondeu Rosaura.

— Que entre, mandam o cura e o tenente.

— Que saiam, digo, e, se tardarem, vou-me embora.

— Que saiam, sim, que saiam — gritou por sua vez a multidão.

Saiu um velhote de poncho vermelho e colarinho engomado, ostentando as borlas de seu bastão de guaiuro. Disse ele, com voz que tinha pretensões de terrível:

- A senhora não sabe que a fêmea casada deve seguir seu marido porque assim manda a Lei?
- Quando meu esposo quiser que eu o siga, poderá ir adiante de mim.
- Quer a senhora fazer-se desgraçada, causando pesares a seu pai?
- Meu pai sentirá pesar por eu me haver sacrificado para obedecer-lhe?
- Esta moça está muito insolente — disse o cura. — É preciso, senhor juiz, que o senhor a mande rezar alguns dias na cadeia, até que cesse sua altivez.

Rosaura armou uma pistola de dois tiros e disse com voz de amazona:

— Senhor cura, aqui há duas balas que irão velozes até o tutano do atrevido que me insultar; quer descobrir o que pode fazer o braço de uma fêmea como eu, resolvida a arrostar tudo. Uma palavra mais e voarão os miolos de meus verdugos; quis perdoá-los em nome de minha mãe, mas já vejo que se empenham em que eu descarregue sobre eles minha vingança: quereis isso? Pois mandai-me para a cadeia.

O cura e o tenente político recuaram assustados, e Rosaura partiu sem que ninguém se atrevesse a detê-la.

O cortejo do convento ficou falando contra os livros maus, contra a educação do dia, contra o religioso fundador das escolas lancasterianas, e concluiu por declarar que o povo estava excomungado por não haver posto a língua para fora diante dessa moça...

O povo tomou a seu cargo o assunto, dividindo-se em bandos encarniçados: uns viam em Rosaura uma heroína e aplaudiam com entusiasmo a lucidez de seu plano e a graça e mestria com que acabava de executá-lo.

Outros se limitavam a desculpá-la, dizendo que sua vida se dividira em duas seções: uma de educação sob as inspirações de uma mãe civilizada, e outra de prova sob a ação de um pai que não tinha nem remota ideia do que se passa na alma de uma jovem em quem os nobres sentimentos nasceram, o instinto da delicadeza se poliu, a consciência da dignidade humana despertou e um amor sem mancha apresentou a perspectiva de uma modesta felicidade.

Segundo estes, a prova havia sido violenta demais, superior às débeis forças de uma virgem, e ela não pudera senão sucumbir.

O bando mais numeroso era o dos tradicionalistas ou partidários das providências fortes: estes diziam, como o pai de Rosaura, que o homem fora criado para a glória de Deus e a mulher para glória e comodidade do homem; e que, por conseguinte, um devia educar-se no temor de Deus, obedecendo cegamente aos sacerdotes e aos juízes, e a outra no temor do homem, obedecendo cegamente ao pai e depois ao esposo; e que o crime de Rosaura devia ser severamente castigado, para vindita da sociedade e exemplo vivo de todas as filhas.

Estes acabavam sempre por lamentar os bons tempos do Rei e por amaldiçoar a Independência americana e o nome de Bolívar.

Capítulo 5

Ao norte da cidade de Loja, na confluência dos rios Malacatos e Zamora, ficam o templo e o casario principal das cinco parcialidades de aborígenes que compõem a paróquia de San Juan del Valle.

No dia 24 de junho, dia do Santo Padroeiro, celebravam-se ali umas festas em que sempre cabia aos índios a pior parte, pois seus gostos se reduziam a trabalhar para que os brancos da cidade se divertissem. Havia missa solene, procissão, corrida de galos e, depois desta, satisfazia-se a paixão taurina de nossa raça.

Preparadas de antemão as ramadas nos terrenos e os palanques rústicos em torno da praça, a gente aguardava com avidez a hora do espetáculo dos galos, que era desta forma: erguia-se na praça uma espécie de forca; da ponta superior de um dos dois paus pendia um cordel, que passava por uma roldana posta na cabeça do outro pau e se prolongava para ser manejado à maneira de balanço de equilibrista; pendurado no cordel, no meio dos paus, estava um galo vivo, atado frouxamente pelas patas, a uma altura que dificilmente pudesse ser alcançada por um homem a cavalo.

Os cavaleiros que entravam na liça colocavam-se a vinte metros dessa forca ou balanço, onde o galo subia e descia conforme esticavam ou afrouxavam o cordel os que estavam ao lado da roldana. Dado o sinal, os cavaleiros iam partindo um a um e, ao passar a galope por baixo do galo, procuravam arrancá-lo das leves ataduras que o prendiam ao cordel; quem o conseguia desferia golpes com o galo em quantos alcançasse, até que lhe tirassem, em boa guerra, o mísero animal, ou este acabasse de se despedaçar com os golpes que, com seu corpo, eram descarregados sobre as costas, a cabeça ou as costelas dos cavaleiros.

Três galos deviam ser mártires dessa barbárie antes que saísse o primeiro touro a substituir uma barbárie lugareja por outra barbárie mais clássica e pomposa.

Em junho de 1841, a festa e a procissão haviam terminado à uma e meia da tarde.

Às duas, os palanques estavam cheios, e os olhares fixos nos cavaleiros da liça: vários deles se mostravam acabrunhados e outros dissimulavam, com gracejos ou cantigas de mau gosto, a vergonha que padeciam por haver passado sob a

força sem conseguir arrancar o galo; pois entre as frivolidades sociais figura a de que a destreza em arrancar galos no dia de São João seja ainda assunto de gravíssima importância, sobretudo se os olhares femininos estão dominando o espetáculo.

Depois de todos os cavaleiros terem passado sob a força sem que a nenhum coubesse a alta honra de desferir golpes com o galo em seus próximos e merecer por isso o aplauso das formosas, ia começar de novo a corrida, quando se apresentou entre eles uma competidora que deixou a concorrência absorta.

Em um brioso corcel branco entrou, fresca e corada, com longo vestido azul e chapeuzinho de palha, a mesma amazona que seis meses antes havia partido de outro vale intimidando seus tiranos.

Sua presença naquela praça produziu uma surpresa animadora; mas a emoção geral subiu de ponto quando se viu partir essa beldade desconhecida, passar sob a força, arrancar um galo e não o descarregar sobre os cavaleiros que a galanteavam oferecendo-lhe as costas para receber de suas mãos a ventura de um golpe com o galo, mas oferecê-lo a uma índia velha e andrajosa, dizendo:

— Esta foi a dona do animal, e o tiraram dela à força, segundo a pena com que o estava contemplando.

— É verdade, minha senhora, Deus lhe pague — disse a índia.

Colocado o segundo galo, Rosaura foi pela segunda vez facilmente vencedora, porque os índios que seguravam a corda, seduzidos por sua formosura e agradecidos pelo ato de piedade dessa amazona, afrouxaram-na de modo que o galo ficasse muito acessível.

— Reclamo o costume — disse um moço grosseiro, e arrebatou o galo das mãos da jovem, causando-lhe uma leve ferida com a espora e rasgando-lhe parte do vestido.

Os índios, que com seu instinto fino conhecem quem os favorece e o defendem com tenacidade selvagem, correram a pé atrás do homem a cavalo que havia ferido sua benfeitora; alcançaram-no, agarraram-se às rédeas e, nessa ação, sofreram golpes de rédea e golpes com o galo desferidos pelo cavaleiro e pelos que acorreram em sua defesa, até que chegou a jovem e disse a seus vingadores em língua quíchua:

— Amigos meus! Credes que estas gotas de sangue mereçam ser vingadas? Não, filhos, este é um desgraçado como vós e como eu: ele reclamou o costume; no costume está o mal, e este vem de muito longe.

— Ele te faltou ao respeito e havemos de castigá-lo — disse um cacique.

— Ele não sabe o que é digno de respeito; para ele, só o costume é respeitável, e, como bom ignorante, cumpriu seu dever.

— Nós lhe ensinaremos a respeitar as senhoras como nós as respeitamos.

— Nossa voz é muito fraca, amigos, para ensinar, e nossa situação muito triste para aprender. Deixai em paz esse homem, a quem o costume fez ignorante e a ignorância fez grosseiro.

— A letra com sangue entra.

— Por Deus! Não pronuncieis essa palavra.

Os índios se retiraram; a jovem foi conduzida ao convento; enfaixaram-lhe a ferida e fizeram dela protagonista de uma ruidosa pândega. Circulou o rumor, entre as beatas, de que uma herege estrangeira havia aparecido no vale por arte de Satanás e fizera coisas diabólicas.

Depois da festa, viam-na passear sozinha em seu alazão pelos arredores da cidade. Em determinados dias da semana chegava às alturas de San Cayetano e permanecia longo tempo contemplando a alfombra de púrpura e ouro que formam as dumarídes e as calêndulas silvestres.

Assegura-se que ali cantava a canção colombiana La Pola e algum sentido yaraví, acompanhando-se com o canto dos pardais, dos suípes, dos lapos e de outras aves; e que, ao voltar à cidade, cuidava de apeiar-se à margem do Zamora, enxugava os olhos com um lenço e banhava o rosto nessas águas frescas e cristalinas.

Habitava uma casinha na rua de San Agustín, que era a mais pitoresca da cidade: tinha a poucos metros a grande acequia que passa a mover o moinho dos Dominicanos. A porta, sempre aberta, mostrava em exposição permanente uma pequena plantação de espargos, rosas, jasmíns e cravos entre figueiras, pessegueiros e tomateiros, que faziam do pátio um bosque e um jardim.

Ao entrar a amazona, saía um criado para encarregar-se do cavalo; outro estava na cozinha: estes dois, e nada mais, eram sua criadagem. Ela subia um degrau

de madeira, chegava a seu quarto de toucador, trocava a roupa de montar por outra de tecido simples, descansava por uma ou duas horas embalando-se em sua rede e lendo alguma coisa; também tinha seus momentos de escrever.

Depois arranjava melhor a vestimenta e o penteado e saía à sala de visitas: esta era espaçosa, mas um pouco desmantelada, pois antes fora sala de bilhar, de modo que a palavra bilhar chegou a ter uma acepção convencional e maliciosa que envilecia o nome da dama e a fazia derramar lágrimas secretas de amargura, que ela procurava afogar nos prazeres.

É quanto se pode narrar acerca de sua vida privada, embora certamente a mulher a quem alguma fatalidade lançou na corrente das aventuras não tenha vida privada; pois até os mínimos incidentes de sua casa vão passando de roda em roda, com acréscimos e comentários.

Capítulo 6

O segredo das tempestades atmosféricas está, até certo ponto, descoberto e explicado, porque sempre foram invariáveis as leis da matéria; mas há outras tempestades misteriosas, com instintos e arbítrio, que, se uma vez chegam a estourar, não se pode saber qual será o limite de seus estragos: essa tempestade é a do coração de uma mulher formosa, de sentimentos nobres e generosos, a quem o desespero chegou a pôr em mau caminho.

Ela caminhará em linha reta para os abismos, porque assenta seu orgulho em jamais retroceder e em devolver à sociedade burla por burla, desprezo por desprezo, injustiça por injustiça e vítima por vítima; mas com maior ou menor decência, segundo os graus de educação a que chegou, pois até o vício tem sua dignidade nas almas educadas.

Em Rosaura, as cordas com que seu pai a havia atado ao estúpido cativo foram estreitadas até se romperem. Um mau ministro do altar a atou com o vínculo matrimonial, que, também por tirânico e injusto, teve de romper-se e se rompeu. Um ministro da justiça tentou castigar na vítima os delitos dos verdugos, e ela teve de detestar os juizes de sua terra.

Entre a corrupção que tiraniza e a corrupção que adula, não é duvidosa a escolha para uma criatura inexperiente e de alma ardente como Rosaura. Os déspotas e os fanáticos são os que empurram a sociedade para a região da libertinagem.

É isto que se deve dizer, em vez de descobrir os festins, as orgias e os excessos que, na casa de Rosaura, iam ficando sob a jurisdição das trevas. Basta saber que, nos primeiros dias de setembro, destinados à afamada feira do Cisne, via-se essa infeliz mulher nos antros de jogo, deixando-se obsequiar até pelos bêbados das tavernas.

Passados esses dias de grande bulício, a casa de Rosaura estava sempre fechada e as noites em silêncio. Alguma mudança substancial havia ocorrido.

Capítulo 7

Em um dos primeiros dias do mês de outubro, quando os estudantes, depois da feira, voltam preguiçosamente às temidas tarefas do colégio, um dos cursantes de Óptica e Acústica recebeu de seu catedrático, que era médico, o estojo cirúrgico e a ordem de segui-lo para fazer o estudo prático dos órgãos da voz, do ouvido e da vista. A casa aonde chegaram ficava a poucos metros do colégio.

Ao entrarem, viram no quarto do zaguão um grupo compacto de homens e mulheres: vários jovens dos que compunham o grupo haviam empalidecido, e a assistência em geral se mostrava comovida, sem que faltasse alguma velha que dissesse entre dentes: “castigo de Deus!”, nem algum rapazote que soltasse em voz baixa suas chufas maliciosas; pois em toda parte se encontram gralhas que estão sempre de mau agouro e truões que parecem ter nascido para estar sempre de chacota.

Alguns momentos depois, entraram o alcaide, o escrivão, quatro peões e uma guarda do depósito de inválidos.

O comandante dessa guarda mandou desocupar a peça do zaguão; ao se retirarem os presentes, deixou-se ver, deitado no chão sobre uma manta velha e com uma luz à cabeceira, o cadáver de uma mulher. O rosto conservava ainda a graça dos perfis, mas estava enegrecido; as duas madeixas de sua cabeleira espessa mostravam-se desgrenhadas e sem lustro; se o pavoroso eflúvio da morte não o impedisse, poder-se-ia dizer que o queixo, a garganta, o peito e os braços nus dessa mulher conservavam ainda sua formosura póstuma.

Rosaura ia sofrer as expiações de além-túmulo.

Os quatro peões, sem emoção de nenhum gênero, levantaram o cadáver, tiraram-no do quarto, colocaram-no sobre uma fileira de adobes no meio do pátio e o despiram até a cintura.

O médico abriu o estojo, preparou os instrumentos, devolveu o resto ao estudante que estava ao seu lado e começou a operação.

Ao ver correr cruelmente as lâminas e descobrirem-se as repugnantes interioridades escondidas no peito de Rosaura, daquela que pouco antes havia sido uma beleza, um suor frio correu pela frente do estudante. Ele não pôde continuar olhando a profanação sarcástica do corpo de uma mulher, pois havia

acreditado até então, obscura e vagamente, que a constituição fisiológica desse sexo devia ser, durante a vida, um incógnito mistério, radiante de graças e encantos, e que, ao morrer, esses segredos que têm tanto de divino para as almas juvenis não podiam ir afundar-se no sepulcro sem que antes os sinos tocassem seus clamores fúnebres, se acendessem os brandões ao redor de um féretro, se entoassem cânticos sagrados e se acompanhasse, com lágrimas e soluços, aquela que vai em fúnebre procissão despedir-se para sempre.

Afastou a vista desse espetáculo, que ia dando morte a todas as suas ilusões, e retirou-se, dominado por uma espécie de cru desengano do gênero humano, sem que o epíteto de covarde que lhe davam, nem a voz imperiosa de seu mestre, fossem bastantes para detê-lo presenciando tantas misérias.

Mas não lhe foi dado encaminhar-se ao colégio, porque o sentinela o fez voltar. Então o estudante disse consigo mesmo: “Há de ter tantos inimigos e tantos aparatos este ser que a lâmina acaba de me mostrar como imundo e quebradiço? Se a mulher, que é a beleza, acaba de me repelir com sua repugnante deformidade, com razão o sentinela, que é a força, me parece mais disforme que o cadáver.”

O estudante pôde, naquele dia, afirmar por experiência própria o profundo ensinamento que dá a máxima de Pascal, dizendo: “É arriscado mostrar demais ao homem quanto ele se assemelha aos animais, sem tornar patente sua grandeza. É ainda mais arriscado fazê-lo ver demais sua grandeza sem sua baixaza, e mais ainda deixá-lo ignorar ambas as coisas.”

Sendo a ordem do sentinela que ninguém entrasse nem saísse até que a longa operação da autópsia houvesse terminado, o estudante teve de entrar no quarto de onde a defunta acabava de sair, pois era o único asilo que lhe restava.

Ali estavam a manta e a tocha funerária, e, perto desta, falavam um comerciante e um advogado de Cuenca sobre a injustiça com que se atribuía a seu conterrâneo, o senhor M..., a morte dessa mulher. Para comprová-lo, haviam relatado alguns antecedentes que já referimos e leram em seguida as cartas e os rascunhos que se haviam encontrado no costureiro da defunta. Esses documentos iam ser apresentados caso se declarasse haver lugar à formação de causa. Diziam assim:

Nº 1 — Quito, 1º de setembro de 1841.

Rosaura, minha antiga amiga:

Se houve um tempo em que te falei a linguagem do amor profano, sobreveio outro tempo em que as coisas mudaram, e é necessário que também mudem as palavras.

Quando pronunciaste o fatal sim no templo de nosso vale, eu me pus a caminho para receber o sacramento da ordem sacerdotal.

Ao amor precoce que me inspiraste devo os estímulos que dirigiram meus estudos e minha conduta por bom caminho; depois, encaminhaste-me por estranha senda aos altares do Pai que nos manda perdoar, e tudo perdoei.

Hoje teu antigo amigo chegou a saber que tiveste a desgraça de entrar no número das ovelhas desgarradas, e daqui se prostra para fazer-te a súplica de que voltes ao aprisco.

Pensas que te estás vingando daqueles que te tiranizaram. Infeliz! Olha o que fazes.

Reflete que nenhum mal recebeste das jovens inocentes que poderiam perverter-se com teu exemplo, e que, nesse gênero de desagravo que adotaste por sistema, a pena não retrocede até os autores do mal, que foram nossos maiores, mas vai diretamente às novas gerações, que não tiveram nem vontade nem ocasião de ofender-nos.

Houve um tempo em que, pelo delito de um pai, impunha-se aos filhos e demais descendentes a pena da infâmia e da perda de todos os bens. Parece-te isso justo e racional? Não, isso é monstruoso, responder-me-ás; pois isso, e muito mais, é o que fazemos quando um despeito cego gera em nós a vingança contra uma sociedade que julgamos viciada ou criminosa.

Se teu pai, teu cura, teu juiz e a maioria de teus conterrâneos te empurraram violentamente para os abismos, foi porque eles também vinham empurrados por outras forças anteriores, às quais não haviam podido resistir.

Uma ignorância deplorável, mais que criminosa, havia dado o primeiro impulso aos defeitos sociais de que és vítima: tu te entregaste ao vício para viciar ainda mais a sociedade, zombar dela, desprezá-la a teu bel-prazer e vingar-te desse modo; isto é, cedeste ao mesmo impulso que empurrou teus maiores, e então deves ser, a teus próprios olhos, tão odiosa quanto um mau sacerdote, um mau juiz e uma má sociedade. Algo mais ainda: o mau pai, o mau sacerdote, o mau juiz e a má sociedade procederam por ignorância e estultícia, e isso é mais digno

de lástima que de punição; tu recebeste os dons de uma inteligência clara, de uma educação doce, sob as inspirações maternas, e um amor puro e leal deu voo e consistência aos sentimentos generosos.

Com esses elementos se formam as almas fortes, e nas almas fortes é crime imperdoável cair nas mesmas misérias que formam a triste herança dos imbecis.

O que fazes é, além disso, contra ti mesma: estás destruindo tua reputação e tua formosura. Tu não crês que te divertes, por mais que o procures, porque sempre te assalta a lembrança do que era a inocência.

Rosaura! Meu antigo amor era egoísta: queria que fosses minha; queria minha felicidade. Agora quero a tua, ou que tua desgraça seja menos grave. Volta ao campo, pensa, reflete, e ali ouvirás a voz de Deus nas reminiscências dos conselhos de tua mãe.

Eduardo.

Seguia-se um rascunho com letra de Rosaura, que dizia:

Nº 2. Eduardo. Eu me comprazia em meus triunfos, e tu me fazes envergonhar-me. És a única criatura diante de quem sinto a necessidade de justificar-me; mas sem ocultar que tuas palavras são novas tiranias que vêm perseguir-me no campo aonde a fatalidade me conduziu.

Se minha mãe não me houvesse inspirado religião, e se tu não me tivesses feito entrever o sublime do amor puro, eu contaria, como meus verdugos e meus amantes, com o desenfreio da ignorância, e os remorsos não viriam perfurar-me as entranhas.

Mais dano me fizeram meus benfeitores que meus tiranos: para estes me basta o ódio; para destruir a obra dos outros, necessito das vertigens, do ofuscamento, do bulício aturdido. Concede-me a graça de guardar silêncio, ou cruzarei lanças contigo. Não posso viver senão de emoções; as emoções são um sonho, e não quero que ninguém me desperte.

Tu sabes alguma coisa de minha primeira educação, mas não sabes tudo. Minha mãe me ensinou a conhecer Deus levando-me às colinas de nosso povoado e dizendo-me com acento carinhoso: “Olha a formosura destes campos; escuta o canto dos passarinhos; observa esse condor que se perde entre as nuvens; fixa os olhos no azul do firmamento; olha esse sol que nasce tão brilhante.

Sabes quem fez tudo isto e nos pôs aqui porque nos quer?” “Isto é muito grande e muito bonito”, respondia-lhe eu; “aposto que foi algum daqueles reis que papai nomeia tirando o chapéu.”

“Não, filha; esses reis eram homens como todos. Quem fez isto é um Espírito que não se pode ver, mas que te ama tanto como ninguém pode amar-te, porque é tão bom que tu não hás de compreender sua bondade senão quando fores um pouco maior. É amigo dos pobres, das crianças e de todos os que são bons; ele se zanga com os soberbos, com os raivosos e com aqueles que maltratam o próximo.” Desse modo iam penetrando as ideias de minha mãe em minha inteligência infantil.

Aprendi a adorar Deus porque era Pai, porque era bom e porque havia feito coisas tão grandes e tão formosas.

Meu pai, em vez de me fazer amar as coisas santas, impunha-me a tarefa de rezar como uma vintena de padre-nossos e ave-marias às centenas todas as noites, de modo que a extensão da faina e a dureza com que me obrigava a cumpri-la tornaram a devoção temível para mim.

Cheguei a abrigar o erro de que havia duas religiões: uma pura, simpática e divina, que minha mãe me inspirava, e outra pesada e odiosa, que meu pai me fazia praticar sem me inspirar nem ensinar coisas grandes.

Quando via o cura de nosso povoado mandar açoitar os indígenas e prender as viúvas que não podiam pagar os direitos funerários de seus maridos defuntos, eu dizia sem vacilar: a religião do cura não é a religião de minha mãe; e, dia após dia, ia sucedendo não sei o quê dentro de mim que me foi empurrando até o ponto a que cheguei.

Tu me escreveste em uma linguagem que me faz muito mal; faz-me sentir alguma coisa semelhante à religião de minha mãe; mas já é tarde demais para isso. Tenho visto a meus pés batinas e tonsuras, e tive o capricho de inflamar os galãs da ordem sacerdotal, para depois repeli-los com desprezo. Eles se vingaram subindo ao púlpito para retratar-me com grosseiras cores, sem prejuízo de voltarem a pedir perdão de joelhos.

Eu me julgava superior a todos os que se prostravam diante de mim; mas, quando tu me dizes que te ajoelhas, sinto-me humilhada e confusa: aqui se rendem a meus pés para pedir-me que me envileça, para dizer-me que seja deles; e tu me diriges uma súplica pedindo-me que me emende, que me

enobreça, que seja de Deus.

Isto me diz o que pude ser e o que sou. Por que me dás uma ferida tão mortal? Despertaste os remorsos que eu calava com meus triunfos e me puseste em tal desesperação que eu quisera amaldiçoar-te; mas vejo que isso seria injusto, e não amaldiçoou ninguém senão a mim mesma.

Eduardo, não voltes a escrever-me: não temas que eu me destrua, porque, quando isso acontecer, darei uma nova badalada. Todos os caminhos estão obstruídos para mim, exceto o que vou seguindo. Oh, se eu pudesse voltar aos instantes de nossa última entrevista!... Mas isso é impossível. Não posso voltar a ser solteira, assim como tu não podes apagar o caráter do sacramento que recebeste.

Por compaixão, não voltes a escrever-me.

Nº 3. Quito, 20 de setembro de 1841.

Rosaura: Intentas romper comigo; pedes que eu te deixe em paz, mas em teu coração não há paz, e é esta que quero dar-te em nome do Senhor.

Graças às tochas que iluminaram tua infância, ainda sentes remorso e te pesa não poder agir melhor, crendo que os caminhos da virtude estão obstruídos; mas não, minha filha, ainda podes voltar tua conduta para o caminho que tua mãe te traçara.

Levantar uma pistola, fazer tremer os imbecis, resolver morrer lutando, andar sozinha pelos caminhos desafiando os perigos, mostram em ti a triste excitação de uma coragem desesperada; isso não é a coragem racional, não é a coragem da alma grande.

Os triunfos da verdadeira coragem são os que se obtêm rejeitando o sedutor para não fazer mais que o justo. Tudo quanto fizeste até aqui mostra a coragem do vapor que se expande ao evaporar-se. Quando levantaste a pistola, venceste o cura e o tenente depois de haveres sido vencida por um ímpeto de furor que não pudeste reprimir, isto é, que não pudeste vencer. A verdadeira vitória alcançarias ao deixar o lodaçal dos prazeres frenéticos para seguir os decentes e racionais.

Para chegar a esse triunfo, bastará refletires que as fontes do prazer não tardarão em esgotar-se, e ficarão as fezes, que são amargas e pungentes: que farás então, minha filha? Sentir o coração estrangulado pelas serpentes do

arrependimento já estéril.

Quanto mais se sorvem os prazeres, mais depressa a alma se debilita; na alma debilitada vão-se aninhando as paixões baixas, e vêm depois destas o cansaço e o tédio, que são a viva imagem dos infernos.

Agora ainda tens forças, e o melhor emprego que podes dar-lhes é lutar contigo mesma.

Em nome do Pai celestial que adoravas com tua mãe, peço-te, não um sacrifício, mas teu descanso, teu sossego por poucos meses. Retira-te da vida escandalosa: vive oculta até a próxima quaresma, quando irei eu, invocarei a graça divina, e tenho fé em que serão dissipadas as trevas que hoje ofuscam teu coração, e sentirás reanimada tua coragem.

Cederás facilmente às súplicas que te faz teu antigo amigo quando meditares na fealdade da libertinagem que fomentas com tua formosura.

Teus galãs creem enganar-te, e tu crês também que os enganas; na realidade, eles e tu só enganam a si mesmos, porque se arruínam, se depravam e vão perdendo de hora em hora sua excelsa qualidade de racionais. Crê-me, minha filha, que os caminhos da virtude estão sempre abertos para todos.

Eduardo.

Nº 4. Eduardo: As desgraças que me anuncias como futuras já estão dentro de mim.

Sabes o que é uma feira nesta cidade? Oh, se tivesses visto quão formosa e concorrida esteve a deste ano! Que fisionomias, que modas, que acentos tão variados!

Olha o que escrevi para me divertir e que hoje rasgo desesperada.

“9 de setembro. Confesso que têm muito bom gosto os que pintam ou escrevem quadros de costumes: eu também queria uma pena e um pincel para o quadro de ontem à noite, com seu grupo de dois hirsutos de Cuenca, um teimoso puruguayo — riobambenho —, um frade de todas as partes, dois crespos da costa, três lindos de não sei onde, um gracioso de província e um comandante sem domicílio, que formaram meu cortejo.

O gracioso caiu em desgraça diante de todos porque me fazia rir; o comandante foi qualificado de covarde porque me falava de suas façanhas; tratei melhor o

frade porque desejava que seus companheiros o aborrecessem, e não tardei em conseguir que os hirsutos de Cuenca lhe dessem seu par de sopapos, embora não tenham tardado em ajoelhar-se para pedir-lhe absolvição, julgando-se excomungados. Aos lindos tratei como a senhoritas, e creio que ficaram satisfeitos.

Ao teimoso custou muito trabalho afetar denguice; mas esta estive de sobra da parte dos provincianos, que reduziam suas galanterias a dizer-me que eram vis vermezinhas da terra e que eu era uma divindade: isso não diverte. Os costeños me diziam candidamente: que venha a música, a diversão, que é isso o que se quer! E me parecia boa essa franqueza.”

“Dia 10. Houve uma competição entre morlacos e costeños que não pude compreender, porque eu reventava de rir ao ouvir o linguajar confuso que se formava ao se alternarem o acento esdruxulário dos primeiros e o pontiagudo dos segundos. O senhóoorzinho de Cuenca e a senhoriita da costa fazem um contraste graciosíssimo, pois cada um alonga tanto mais seu respectivo acento quanto mais insinuante quer mostrar-se.

Mas deixemos estas frivolidades de um livro de memórias do qual não hão de restar nem as cinzas. Basta dizer-te que, de um lado, estava o portal dos jogos de azar, e de outro, o dos grandes comerciantes; aqui os revendedores com seus acatamentos, ali algum dito gracioso, mais perto uma fina galanteria: música, festins, serenatas, obséquios; nada me faltava. Podia-se crer que se havia chegado a satisfazer a amplitude de minhas aspirações; mas eu tinha dentro de mim alguma coisa que me excitava a chorar.

Depois, a cidade voltou a seu silêncio natural, e minha alma se transformou em um areal deserto, tostado pelo sol do arrependimento e revolvido pelos ventos do desengano; nesse vasto areal, a imagem do passado se ergue como um espectro.

Tenho vergonha de mim mesma, aborreço-me de morte e não sei como hei de vingar-me. Antes de nove meses, percorri um século de perdição.

Medi minhas forças e sinto-me incapaz de prostrar-me para ser ouvida em penitência pelos mesmos a quem repeli com desprezo. Somente diante de ti me ajoelharia; mas então os soluços não me dariam lugar para acusar-me e eu não poderia deixar de acender-me em um amor já impossível, em um amor desesperado.

Causei muitos danos que não teria conhecido sem tuas cartas: é preciso que o escândalo termine juntamente com a vida, antes que venhas aniquilar-me.

Adeus, Eduardo.

Sem nenhum sinal de compaixão e caminhando diretamente para seu objetivo, o advogado continuou dizendo:

— A estas cartas, que dão indícios veementes de suicídio, soma-se o que dizem unanimemente os declarantes, isto é, que esta senhora, estando com febre e outras enfermidades, convidou para um passeio umas vinte pessoas, quase todas da plebe; comeu como desesperada frutas e iguarias que lhe fizeram mal; sorveu licores pela primeira vez, porque antes, embora fosse alegre, não bebia; e, quase empanturrada, embriagada e quase delirante pela febre, entrou para banhar-se às seis da tarde na água gelada do Zamora.

Às onze da noite, o apoplético a mandou para a eternidade.

Como essa relação era mais terrível que a presença do cadáver, o estudante saiu em busca de um ar mais respirável que o daquele quarto, e se encontrou com o espetáculo dos peões que recolhiam no caixão pedaços de carne humana gangrenada. Ali estava exangue e despedaçado o coração que fizera palpitar tantos corações.

À tarde, quatro indígenas pisoteavam uma sepultura, e os curiais davam por encerrado o sumário por não haver lugar à formação de causa. Eis aqui o fim daquela que foi Rosaura.

Apêndice

O cura que havia causado a perdição daquela mulher, quando soube de sua morte, subiu ao púlpito e discorreu pateticamente sobre as desgraças que trazem consigo a desobediência aos pais, o desacato ao sacerdote e o desrespeito aos juízes. Dom Pedro voltou a seu tema de atribuir a morte da filha às instituições modernas. Dom Anselmo vestiu-se de gala no dia em que lhe foi dada a notícia de sua viuvez. O presbítero Eduardo ainda conserva respeitosa e dolorosamente as memórias daquela vítima.

O estudante não perdeu de vista o horror do espetáculo que teve diante dos olhos e anotou suas recordações vinte e dois anos depois dos acontecimentos.

Notas finais editoriais

1. Escolas lancasterianas — Sistema de ensino mútuo difundido no século XIX; na obra, aparece associado à educação moderna e reformista.
2. Altares de Nascimento — Altares natalinos populares, próximos dos presépios, aqui descritos como mistura de cenas bíblicas, costumes locais e acontecimentos recentes.
3. Proclamas — Anúncios públicos de casamento feitos antes da celebração religiosa.
4. Missa dos paileros — Expressão local preservada no contexto festivo e religioso do Capítulo 2.
5. Aguanaje — Bebida local mencionada durante a festa; o termo foi mantido por cor regional.
6. Pascácio lancasteriano — Insulto dirigido ao defensor de uma educação moderna, ligado à hostilidade conservadora contra o método lancasteriano.
7. Véu negro / véu branco — Referências a categorias conventuais e sociais da vida religiosa feminina.
8. Obreia — Pequena hóstia ou lâmina usada para fechar cartas.
9. Tomar as de Villadiego — Expressão idiomática espanhola equivalente a fugir, retirar-se ou escapar.
10. Mulher forte — Referência bíblica/proverbial à esposa virtuosa, aqui usada no contexto do ideal doméstico e religioso imposto a Rosaura.
11. Dar uma badalada — Tradução de “dar uma campanada”; no contexto, causar escândalo ou fazer um gesto público de grande impacto.
12. Emancipação — No trecho central, Rosaura invoca a mudança de condição jurídica pelo casamento para se declarar livre do poder paterno.
13. Jipijapa — Chapéu de palha associado ao Equador; o termo foi preservado por valor cultural.
14. Corrida de galos / golpes com o galo — Prática festiva violenta descrita criticamente; a tradução preserva a materialidade cruel da cena.

15. Quíchua — Língua indígena andina usada por Rosaura ao falar com os indígenas.
16. La Pola — Canção colombiana citada no trecho dos passeios de Rosaura.
17. Yaraví — Forma musical andina de tom melancólico.
18. Acequia — Canal de irrigação; termo preservado por cor local no trecho da casa de San Agustín.
19. Formação de causa — Fórmula jurídica ligada à abertura ou prosseguimento de processo/investigação.
20. Curiais — Agentes ou funcionários ligados ao foro ou à justiça.
21. Presbítero Eduardo — Identificação final de Eduardo como sacerdote, marcando a transformação do antigo amado em figura religiosa.